



MEMÓRIAS DA FONTE NOVA: A CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO EM 1951 SOB O OLHAR DE JORNAIS DA ÉPOCA

José Eliomar dos Santos Filho¹

Resumo

A abordagem realizada no artigo visa explanar sobre a construção da primeira Fonte Nova, inaugurado em 1951 pelo então governador Octávio Mangabeira. Buscaremos expressar sobre o processo de construção da praça esportiva, desejo dos desportistas baianos, que serviu para elevar a moral do Estado que atravessava um momento de crise identificado pela história como o 'enigma baiano'. Nesse processo de construção do estádio, veremos a importância do Campo da Graça que no governo Mangabeira demagogicamente foi usado como símbolo de modernização esportiva no estado, porém serviu de fachada para conter a pressão da imprensa pelo soerguimento de uma edificação esportiva a altura da primeira capital do Brasil. A função política de dois jornais em circulação na época e seu discurso com objetivos diversos com relação à construção tanto da Fonte Nova quanto do possível "Estádio da Graça" serão também analisados.

Palavras-chave: Octávio Mangabeira. Fonte Nova. Campo da Graça. Enigma baiano.

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil fez a população brasileira se questionar sobre uma série de pontos referentes ao evento: preço dos ingressos, projetos de mobilização urbana pouco eficazes, superfaturamento em obras de estádio, prazos excedidos, enfim. No caso específico do complexo esportivo de Salvador, a arena ficou pronta cerca de um ano antes da Copa do Mundo servindo para jogos da Copa das Confederações em 2013, torneio teste da FIFA² antes do evento maior realizado em 2014.

Após dois torneios internacionais, um grande número de partidas realizadas pelos clubes da cidade e alguns espetáculos musicais temos a sensação de uma boa praça esportiva na capital baiana, mas que provoca algumas indagações referentes ao preço dos ingressos e dos alimentos e bebidas dentro do local, o valor que a obra inicialmente teria e o quanto custou, o fato do estádio depois de construído pelo governo do estado ter sido entregue a iniciativa privada para administrar, entre outros pontos.

Com isso, surge à tona a ideia de se discutir como se realizou o processo de construção da primeira praça esportiva na região da Fonte Nova. O estádio inaugurado

¹ Estudante de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I. jeliomarfilho@yahoo.com.br

² Federação Internacional de Futebol e Associados.

em 1951 e que serviu ao público por 56 anos, acabou por ter um fim trágico devido a morte de sete torcedores em novembro de 2007, passou por um contumaz processo de sucateamento ao longo do seu tempo de vida. Reformas foram realizadas, ampliações mas sua principal caracterização para o público torcedor era da sua precariedade nas instalações, pouco conforto e péssima higiene.

O artigo procura discutir o processo de construção do estádio da Fonte Nova, com duração de quase dez anos, analisando o uso político da obra no governo de Octávio Mangabeira (1947-1951). O então governador entrega o estádio dias antes do fim do seu mandato carregando para si todos os louros da construção, porém com um detalhe: a obra foi dada à comunidade esportiva soteropolitana com poucas dependências prontas e precisando ainda de muito a ser feito para ter o status de concluída. Mangabeira, conhecido como o governador que alavancou grandes construções para o Estado, sendo ele o executor de obras concluídas na sua gestão que perduram até os dias atuais como a “avenida que vai dar a Itapoã pela orla marítima, o Hotel da Bahia, o Fórum Rui Barbosa [...]”³, tinha a intenção de deixar mais essa marca ao seu legado enquanto administrador público, e com isso, cravar na história o seu nome tanto no título da praça esportiva quanto como quem a inaugurou, mesmo entregando-a com pouquíssima construção de fato?

Faremos então uma análise do discurso de dois jornais⁴ em circulação na capital baiana no período de início e evolução da construção da Fonte Nova, mostrando a postura de ambos durante o crescimento da obra, observando como cada um abordou no governo Mangabeira o seu empenho para a finalização da edificação pública.

É de fundamental importância também analisar nesse processo de construção do Estádio da Fonte Nova, o papel vivido pelo Campo da Graça, único local de prática de futebol profissional em Salvador. O velho campo da Avenida Euclides da Cunha vinha passando por um processo de deteriorização com poucas melhorias na sua infraestrutura desde a sua inauguração em 1920 e a dicotomia que fazemos referente ao Campo da Graça se fez presente no governo Mangabeira entre: reformar e modernizar o acanhado e modesto estádio, mesmo tendo já uma praça esportiva com construção em andamento ou reunir forças em torno apenas da Fonte Nova?

Abordaremos com ênfase o início do governo Mangabeira analisando a pressão da imprensa esportiva para a reforma do Campo da Graça, a utilização das praças esportivas

³ GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. A formação e a crise da hegemonia burguesa na Bahia (1930-1964). 1982. 151 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador. p. 107.

⁴ A Tarde e Diário de Notícias.

politicamente como símbolos das comemorações do quarto centenário da cidade, a dúvida se a Bahia seria ou não cidade-sede da Copa de 1950 e o abandono do projeto de construção do “Estádio da Graça” para reunir forças em torno do Estádio da Fonte Nova.

O PROJETO DA FONTE NOVA E O ‘ESTÁDIO’ DA GRAÇA

“Foi aprovado o projeto de construção do estádio e do pavilhão de festas da Praça de Esportes da Bahia no local da Fonte Nova, uma das fontes de água da encosta do Jardim Baiano. O projeto que de acordo com a reportagem custaria cerca de Cr\$ 30 milhões ficaria a cargo do engenheiro Mario Leal Ferreira com o término estipulado para 1 novembro de 1949, quando a cidade completava quatro séculos.” (*A Tarde*, 16 de setembro de 1943, p. 2)

Essa nota foi extraída do jornal citado, indicando sobre a construção de uma praça esportiva na encosta do Jardim Baiano. O estádio viria acoplado junto a quadras, piscina, ginásio sendo de fato uma área de lazer para a população soteropolitana. No jornal junto à nota vinha uma foto do batimento da primeira estaca de construção do que viria a ser o futuro estádio da Fonte Nova em que a obra iniciou na interventoria de Renato Aleixo, que ocupou o cargo de 1942 a 1945, com o projeto a cargo do arquiteto Diógenes Rebouças e do já citado engenheiro Mário Leal Ferreira.

Observamos que a obsessão pelo ano de 1949 seguirá por todo o artigo, devido às comemorações do quarto centenário da capital baiana. A política baiana girava em torno da data de 1º de novembro de 1949, quando quatrocentos anos antes portugueses chegaram na *Kirimurê*, nome como a população nativa chamava a baía que banha Salvador sendo batizada posteriormente de *Todos os Santos* por a data ser comemorativa pelos católicos lusitanos. A ideia era inaugurar a praça de eventos no dia festivo marcando para a história o político que fez a entrega de tal equipamento para a sociedade.

A chegada de Octávio Mangabeira ao governo do estado da Bahia assumindo em 10 de abril de 1947, sendo eleito de maneira democrática após dezesseis anos de interventores federais no Estado, trouxe para o governo um político de tendência “liberal, anticomunista e ocidental”⁵ além de opositor da política nacionalista de Getúlio Vargas. Mangabeira vinha da linhagem política da República Velha em que foi ministro das Relações Exteriores de Rodrigues Alves, deposto em 1930 justamente por Vargas. Preso e exilado duas vezes entre 1930 e 1945 ajudou a fundar a UDN, União Democrática Nacional,

⁵ LIMA, Aruã Silva de. Imperialismo e o local: os casos de Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães. Anais Eletrônico do XIII Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212844823_ARQUIVO_textoparaanpuh-rj.pdf>. Acesso em: 26 de junho 2014.

em que na Bahia o controle político do partido Octávio dividia com Juracy Magalhães. “A UDN baiana se forma como uma coligação das duas forças políticas rivais na política pré-37 – os autonomistas, [...], e os juracistas, compostos pelos ‘coroneis’ [...] e pelos novos intelectuais burgueses”⁶, ou seja, o partido de caráter classista, abrigava desde genuínos representantes da tradicional política oligárquica do interior do Estado organizados em torno de Juracy Magalhães até os setores da burguesia mercantil-financeira que orbitavam em volta de Octávio Mangabeira.

Seu governo tinha como programa primordial a reconstrução da economia e da democracia na Bahia após o longo período de exceção entre as décadas de 1930 e 1940. GUIMARÃES sintetizou a proposta do governo de Mangabeira que buscou “aliar ao espírito liberal uma firme liderança econômica e moral”⁷. Ou seja, implantar o capitalismo financeiro no Estado, tendência econômica e ideológica que se expandiria com a Guerra Fria, suprimindo as forças comunistas e atrelando à recuperação da força política que a Bahia perdeu ao longo do tempo, o que se intensificou no primeiro governo de Vargas, ficando para a história conhecido como o ‘enigma baiano’.

Essa expressão foi cunhada no período para retratar a decadência econômica que veio a se refletir na política e na sociedade do Estado, decorrência da modernização que o Sul e o Sudeste atravessaram no período em que Vargas governou o Brasil ditatorialmente, enquanto a Bahia que tinha sido destaque no período colonial e imperial vinha perdendo prestígio e passava por uma estagnação nos aspectos citados no início do parágrafo. A questão principal, de acordo com SILVA⁸, era sobre os motivos das regiões Sul e Sudeste terem seu desenvolvimento econômico sendo impulsionados pelo processo de industrialização, o que não se efetivava no Nordeste na década de 1940.

Retomando a discussão em torno do nosso tema após esse apanhado da conjuntura política baiana e brasileira no início do mandato de Octávio Mangabeira, um mês depois da sua posse o *Diário de Notícias* trazia uma informação importante para a comunidade esportiva soteropolitana: o radialista/comentarista esportivo Antônio Maria comentava a notícia de que no lugar do velho Campo da Graça seria erguido um estádio, nos moldes de outros construídos ou em construção pelo Brasil. De acordo com Maria, o “Estádio da Bahia”, como ele nomeou, estava orçado em Cr\$ 15 milhões estando pronto ao final de 1948. A sua construção atendia ao mesmo objetivo da praça esportiva da Fonte Nova, que

⁶ GUIMARÃES, op.cit., p. 102.

⁷ Idem, p. 107.

⁸ SILVA, Antônio Cosme Lima da. Primeiro congresso de História da Bahia: populações negras no contexto das comemorações dos 400 anos de fundação da Cidade do Salvador (IGHB, 1949). 2012. 123 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado da Bahia: Santo Antônio de Jesus.

era fazer parte das comemorações do quarto centenário da cidade⁹. Seria talvez a primeira obra de grande porte do governo do udenista que traria uma retomada da Bahia a protagonista na conjuntura política e social do país.

O *Diário de Notícias* fazia parte do conglomerado de comunicação dos Diários Associados comandados pelo empresário paraibano Assis Chateaubriand. Chatô, como era conhecido, almejou ao sair do Nordeste e migrar para o Rio de Janeiro na década de 1920 construir um império da informação a partir inicialmente de jornais, revistas, passando pelo rádio e chegando a televisão, o que alcançou nos anos 50, sendo um importante ator da política brasileira na primeira metade do século XX. Seu plano consistia em adquirir ou montar o maior número de veículos de comunicação pelo Brasil para o controle da informação, do poder e da divulgação de seus ideais político-ideológicos. Chateaubriand tinha profunda simpatia pelo liberalismo econômico e boa parte do capital que o mesmo investia na expansão da sua rede Associada vinha de investidores estrangeiros que atuavam no Brasil¹⁰. Seus planos possuíam similaridades com o tripé ideológico udenista (liberal, anticomunista e ocidental) e conseqüentemente, os meios de comunicação de Assis Chateaubriand se encontravam nesse período de redemocratização na oposição a Getúlio Vargas e ao lado dos candidatos indicados pela UDN, sendo então o *Diário de Notícias* um veículo que apoiava o governo udenista de Octávio Mangabeira.

Antônio Maria além de comentarista do jornal Associado era radialista da Rádio Sociedade da Bahia que também fazia parte do conglomerado de Assis Chateaubriand, o que dá a entender em um privilégio na informação da substituição do Campo da Graça por um Estádio, com melhor infraestrutura, como era já visto em construções no Rio e em São Paulo. Maria lança de todos os artifícios demagógicos na sua coluna de 8 de maio ao afirmar que prefeitura e estado injetem Cr\$ 10 milhões e o restante “que deixem os 5 milhões para o povo” que de acordo com o mesmo terá “honra de dizer mais tarde: ‘Nós demos dinheiro para êste grande parque de desportos’¹¹. Em outra coluna de 29 de maio de 1947, Antonio Maria apelava mais uma vez ao sentimento do desportista baiano para a construção do estádio na Graça, que ele já intitulava “Estádio Bahiano [sic]”, clamando a ajuda da forma que pudesse contribuir, com dinheiro, tijolo, cimento, ferro¹².

Enquanto a obra da Fonte Nova seguia em passos lentos, um movimento se ampliava na cidade com relação ao Campo da Graça. O local já possuía quase três

⁹ Diário de Notícias, 10 de maio de 1947, p. 6.

¹⁰ Ver mais em: ELIOMAR FILHO, José. Tentativas de integração Nacional Brasileira na primeira metade do século XX. In: Para Onde!?. Porto Alegre: UFRGS, v. 4, n. 2, Julho-Dezembro 2010.

¹¹ Diário de Notícias, op.cit.

¹² Diário de Notícias, 29 de maio de 1947, p. 6.

décadas de uso tendo ocorrido apenas reparos na sua estrutura original. Relacionamos que dentro da situação marasmo social, político e econômico que o Estado se encontrava na década de 1940 intitulado de enigma baiano em que essa decadência vinha se arrastando desde o início do século XX, podemos inserir o Campo da Graça dentro desse 'mistério' que a Bahia atravessava com seu desenvolvimento imobilizado. Enquanto as principais cidades brasileiras referindo-se às suas edificações esportivas no período saíam do conceito de 'campo'¹³ e migravam para o conceito de 'estádio', acompanhando a evolução que o esporte passava naquela época com a sua profissionalização efetivada uma década antes¹⁴. Os estádios apresentavam uma estrutura mais organizada que os campos, possuindo arquibancadas de alvenaria que poderiam abrigar um público maior, atendendo a demanda de torcedores que aumentava com o futebol já sendo o esporte favorito dos brasileiros.

Nesse contexto, na segunda metade da década de 1940 as principais cidades brasileiras iam começando a ter os seus primeiros estádios: No estado de São Paulo, a capital contava com o Palestra Itália (1902 como campo, transformado em estádio em 1933), o Parque São Jorge (de 1928), a Rua Javari (de 1929), o Estádio da Floresta (de 1930), o Comendador Souza (de 1938) e o Pacaembu (de 1940). Em Santos, a Vila Belmiro foi construída em 1916 e em 1948, Campinas ganhava o Moisés Lucarelli de propriedade da Associação Atlética Ponte Preta; A então Capital Federal, o Rio de Janeiro, contava com o General Severiano (1913 como campo, passando a estádio em 1938), o Figueira de Melo (1916 como campo, 1946 como estádio), as Laranjeiras (de 1919), o São Januário (de 1927), a Gávea (de 1938), Conselheiro Galvão (de 1941), a Rua Bariri e o Estádio de Moça Bonita (ambos de 1947); Belo Horizonte iniciou em 1947 a construção do Independência inaugurado na Copa do Mundo de 1950; Porto Alegre tinha o Estádio dos Eucaliptos inaugurado em 1931; Curitiba contava com o Joaquim Américo (de 1914), com o Couto Pereira (de 1932) e com o Durival de Brito (de 1947); Até Pernambuco, rival histórica da Bahia, já contava em Recife com a Ilha do Retiro (de 1937) e com o Estádio dos Aflitos (de 1939)¹⁵. Salvador era então a única das consideradas grandes cidades do país que ainda não ostentava uma construção esportiva digna de ser chamada de estádio até o governo de Octávio de Mangabeira.

¹³ Os campos foram os primeiros locais de prática de futebol no Brasil. Geralmente eram acanhados, com pouca estrutura para receber os torcedores e possuíam no máximo uma tribuna de honra para as autoridades. Eles nem sempre tinham dimensões 'olímpicas', como se referia à época os jornais, ou seja, o tamanho do campo gramado não atendia às especificações que já eram seguidas nos Jogos Olímpicos.

¹⁴ Ver mais em: COELHO, Paulo Vinícius. Bola Fora: A história do êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

¹⁵ Datas e nome dos estádios obtidos no *Wikipédia*, <http://pt.wikipedia.org>.

A pressão da imprensa esportiva soteropolitana não tardou a iniciar, mesmo com o governador tendo acabado de assumir o estado. Se um mês depois da posse, o colunista do *Diário de Notícias* já pedia esforços do poder público para a modernização do Campo da Graça, em junho de 1947 o governador Mangabeira se viu em uma situação que teria que tomar uma atitude urgente: numa tarde de domingo 8, Bahia e Guarany se enfrentavam no Campo da Avenida Euclides da Cunha com grande lotação, fazendo com que muitos torcedores assistissem a partida trepados em uma árvore, que veio cair. Nisso, um tumulto se iniciou fazendo ceder grande parte das gerais do Campo da Graça. O saldo da tragédia, como registrou em nota o jornal Associado foi: “2 mortos e varios [sic] feridos no jôgo [...]”¹⁶.

Em menos de um mês os jornais que circulavam em Salvador noticiaram uma séries de medidas providenciais tomadas pelo governador Octávio Mangabeira e pelo presidente da FBDT¹⁷ Raimundo Correia. No mesmo dia que o *Diário de Notícias* noticiou a tragédia, ele informou que na manhã posterior Mangabeira foi à Graça, convocou a diretoria da FBDT e na página de esportes (seis) do dia 11 de junho anunciava que “A Bahia terá o seu Campo de Futebol”. Octávio Mangabeira e Raimundo Correia arquitetaram uma resposta rápida à população após o desastre no Campo da Graça. A nota do jornal confirmava a construção de um estádio no lugar do campo e a data da colocação da pedra fundamental, politicamente não poderia ser melhor: 2 de julho, dia da Independência da Bahia, primeiro comemorado por Mangabeira exercendo a chefia do executivo do estado. Dois dias após, o *Diário de Notícias* trazia mais uma importante notícia. Visando arrecadar fundos pró-estádio, a Federação Baiana de Desportos Terrestres acertou a vinda do Clube de Regatas Flamengo, já naquele momento o clube de futebol mais popular do Brasil, para uma temporada de três jogos em Salvador, em que toda a renda obtida nos jogos contra o Guarany, o Vitória e o Bahia seria revertida para a construção do estádio. O detalhe era que a conta dessa promoção pró-estádio recairia para o torcedor, já que foi anunciado o aumento dos ingressos desde a notícia da vinda do rubro-negro carioca, onerando o bolso do mesmo para este poder ter lazer¹⁸.

Faltando dois dias para o lançamento da pedra fundamental como divulgado pela imprensa, o governador Octávio Mangabeira convocou jornalistas esportivos para esclarecer alguns pontos: o Estádio da Graça não inviabilizaria o Estádio da Fonte Nova. A reportagem informava que Mangabeira explicava “não haver nenhuma colisão [sic] entre o estadio [sic] da Fonte Nova e o futuro estadio [sic] da Graça, porque este será uma obra

¹⁶ Diário de Notícias, 10 de junho de 1947, p. 6.

¹⁷ Federação Baiana de Desportos Terrestres.

¹⁸ Diário de Notícias, 13, 15 e 18 de junho de 1947, p. 6.

particular, apenas garantida pelo governo, enquanto aquele será construído pelo governo." Outro ponto foi a mudança da data de inauguração da Fonte Nova, já que com o Estádio da Graça seria dedicado mais esforços para inauguração do mesmo em 1949. Por último, o Governador motivou a imprensa esportiva baiana anunciando que com a construção do Estádio na Avenida Euclides da Cunha, a Bahia teria plenas condições de se candidatar a sede da Copa do Mundo de 1950¹⁹. No 2 de julho, Mangabeira inicia a reforma do Campo da Graça com a terceira partida da temporada flamenguista em Salvador tendo uma grande festa e o saldo de Cr\$ 300 mil arrecadados. A expectativa era grande em tirar o Estado da situação de estagnação em que ele se encontrava, recolocando a Bahia na rota das grandes obras e no caso, com dois estádios sendo construídos.

Porém, não demorou para a comunidade esportiva começar a desconfiar de que o Estádio da Graça sairia apenas da pedra fundamental. Já no final de julho de 1947, o *Diário de Notícias* temia pela sorte da obra e demonstrando a necessidade que Salvador tinha de ter um Estádio de futebol à altura, porém sempre isentando o presidente da FBDT Raimundo Correia em caso de uma catástrofe, ou seja, de não haver a construção²⁰. Dias depois, em agosto de 1947, clubes de futebol da cidade se reuniram e decidiram realizar uma passeata para expor ao governador a necessidade da obra de fato começar. Interessante notar o empenho que o jornal Associado dispensou a caminhada. Na véspera do evento, a página de esportes continha nada menos que três anúncios incitando os esportistas a comparecer a passeata. Quais os interesses que esse órgão de comunicação tinha em querer tanto a reforma geral no Campo da Graça? Por que tanta proteção à figura do presidente da FBDT?

Na noite de 28 de agosto de 1947 ocorreu a passeata dos clubes em prol do Estádio da Graça em que se tinha a intenção de protestar, de acordo com o *Diário de Notícias*, acabou por se tornar uma ovação ao governador Mangabeira que naquele momento gozava de muito prestígio junto aos baianos. O mesmo reiterou o soerguimento do estádio no bairro da Graça.

ADEUS ESTÁDIO DA GRAÇA. BEM-VINDO FONTE NOVA!

Em 8 de abril de 1948, o governador concede uma longa entrevista ao jornal *A Tarde*, de propriedade de Ernesto Simões Filho que era ligado a Getúlio Vargas, fazendo

¹⁹ Diário de Notícias, 1º de julho de 1947, p. 6.

²⁰ Diário de Notícias, 30 de julho de 1947, p. 6.

um balanço do primeiro ano da sua gestão pública. Dentre os inúmeros temas abordados, foi-lhe perguntado sobre as obras esportivas que ocorriam em Salvador. Mangabeira ressaltou os esforços emergenciais à construção da Graça, enquanto o da Fonte Nova seria um estádio a *posteriore*. “[...] o governo, [vai] ajudar a impulsionar a iniciativa no sentido da reconstrução imediata do Campo da Graça. [...] O outro, o da Fonte Nova, só dentro de mais alguns anos poderemos tê-lo pronto”²¹. Porém, o governo admite sua real preocupação com a obra, que eram as comemorações do quarto centenário que seria um ano depois. “Seria inadmissível que, ao comemorar os centenários de 1949 [...] apresentasse unicamente a Bahia, como praça de desportos, um campo de futebol arruinado. [...] enquanto prosseguem as do Estádio da Fonte Nova, a cargo exclusivamente do Governo [sic], se iniciam, com o apoio oficial, as obras [...] da Graça”²².

Até o final de 1948, o governo do estado colocava como prioridade a construção do estádio na Avenida Euclides da Cunha em detrimento da praça esportiva do Jardim Baiano. Mangabeira se mostrava muito animado com a obra na Graça, mesmo esse local sendo de propriedade particular. O Campo da Graça partiu de uma idealização no início do século XX de membros da elite soteropolitana, dentre eles Arthur Morais, engenheiro que angariou esforços junto ao comércio e indústria locais, inaugurando-o em 15 de novembro de 1920²³. Naquele momento, o campo pertencia a FBDT e a Desportiva Bahiana S.A., e parece aos dias atuais incoerente o poder público relevar uma obra pública em detrimento de uma particular, mesmo o governador alegando tanto na reunião que teve com a imprensa esportiva na véspera do lançamento da pedra fundamental quanto nas páginas do *A Tarde* que haveria apenas um suporte estatal na construção privada.

Apesar do discurso do governador concedido em entrevista ao periódico de Ernesto Simões Filho, o que se viu ao longo do ano de 1948 foi o mais do mesmo: a obra não avançava na Graça, a preocupação na classe esportiva aumentava, levando a mesma a lançar um selo pró-construção do estádio visando contribuir para que a edificação de fato saísse do campo das ideias. Em outubro de 1948, o Campo da Graça é interditado devido a insalubridade com que se encontravam suas arquibancadas de madeira. O cronista do *A Tarde*, Roschild Moreira começou a lançar uma série de colunas até o fim do ano citado questionando se a Bahia ia passar a ter de fato um estádio de futebol. Em 20 de outubro, ele lembrava que a pedra fundamental já estava na Graça há mais de um ano e pouco

²¹ Octávio Mangabeira, *A Tarde*, 8 de abril de 1948, p. 6.

²² *Ibidem*.

²³ SANTOS, Henrique Sena dos. No Campo da Graça: um estádio e algumas sociabilidades no futebol soteropolitano nos anos 1920. Anais do VI Encontro Estadual de História. Ilhéus: 2012. Disponível: <<http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/43114.pdf>>. Acesso em: 24 de junho 2014.

havia da reforma, pressionando Mangabeira a ir em busca de um empréstimo para dar mais celeridade à obra²⁴. Seis dias depois, Moreira discordava de se fazer reparos no Campo da Graça questionando se era mesmo válido gastar Cr\$ 200 mil em remendos ou aguardar a visita do presidente da república Eurico Gaspar Dutra em novembro para pedir um empréstimo²⁵. Em “Obrigado, General!”²⁶, lançada em 4 de novembro, Roschild Moreira se mostrava confiante no empréstimo que poderia ser concedido por Dutra para conclusão do Estádio da Graça (e que não veio) e o mesmo comenta no aumento do número de trabalhadores na Fonte Nova, dando indícios da mudança de planos do governo Mangabeira com relação às obras esportivas da capital baiana. Roschild fecha o ano de 1948, esbravejando todo o seu sentimento de raiva, tristeza e decepção ao constatar que o Estádio da Graça não iria vingar. Intitulado “Abaixo o selo!”, o cronista que foi um dos incentivadores na campanha do selo para ajudar na construção do Estádio agora ordenava que parassem de contribuir com tal campanha, já que o estado desistia da ideia de erguer a edificação.

O ano do quarto centenário iniciava e com ele a mudança de planos no governo Mangabeira se consolidava. Nota do jornal *A Tarde* comentava sobre a reativação dos trabalhos na Fonte Nova que pelo visto passava a ser a prioridade esportiva do governo da Bahia naquele momento²⁷. Claro que a mudança de postura de Mangabeira irritou a imprensa esportiva baiana, que chegava ao dia do aniversário de 400 anos da cidade do Salvador sem a tão almejada praça de esportes para a prática do futebol. As esperanças se renovavam para o ano de 1950 com a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil em que a comunidade baiana mais do que desejava a realização de partidas internacionais na cidade. A Fonte Nova ainda não mostrava condições de ser inaugurada e mais uma vez, os holofotes se direcionavam para o Campo da Graça, que não demonstrou condições estruturais de ter jogos com o padrão FIFA da época, além de questões burocráticas que o governo estadual nem a FBDT quiseram assumir²⁸.

Após a Copa de 1950, o processo de aceleração das obras da Fonte Nova entrava em ritmo frenético devido à pressão popular e da imprensa por Salvador ter uma

²⁴ *A Tarde*, 20 de outubro de 1948, pp. 2 e 5.

²⁵ *A Tarde*, 26 de outubro de 1948, p. 5.

²⁶ *A Tarde*, 4 de novembro de 1948, p. 5.

²⁷ *A Tarde*, 18 de janeiro de 1949, p. 5.

²⁸ O Diário de Notícias de 9 de março de 1950 na página 6 explanava que a Confederação Brasileira de Desportos que organizava o torneio da FIFA exigia uma arrecadação mínima de 400 mil cruzeiros de bilheteria por partida de Copa do Mundo, em que não conseguindo chegar a tal valor teria que ser completado pela FBDT. Em caso de valor superior ao estipulado, a diferença ficava com a CBD e a Federação Baiana receberia apenas 2% da renda por conta do aluguel da praça esportiva. Além disso, o Campo da Graça precisaria de uma série de reformas emergenciais para se qualificar a sede da Copa, o que foi relatado em 11 de maio de 1950 no *A Tarde* na página 10. O que de fato não aconteceu.

construção que buscasse chegar perto dos estádios que sediaram os jogos do torneio internacional, como era o caso do Maracanã que tinha acabado de ser inaugurado e passava a ser a referência quando se falava de estádio de futebol no Brasil. Porém, a aceleração na obra referia-se principalmente ao fim do mandato de Mangabeira no governo da Bahia. Octávio entregaria o cargo em 31 de janeiro de 1951 e queria reforçar sua imagem de executor de grandes obras. Nos últimos seis meses de obra aumentou consideravelmente o número de trabalhadores, máquinas e verba para tocar a construção. Walfredo Reis, colunista do *Diário de Notícias*, informava que um empréstimo de Cr\$ 10 milhões junto a Caixa Econômica Federal foi obtido pelo governador para conclusão parcial do estádio²⁹. Àquela altura, faltando pouco tempo para o fim do mandato e do limite estipulado para inauguração da Fonte Nova, Mangabeira passava a admitir que o estádio iria ser entregue ainda a se terminar e que errou ao acreditar na facilidade e rapidez da reforma na Graça porém após a pedra fundamental, problemas referentes a mesma ser de propriedade particular e a impossibilidade da FBDT de pedir empréstimos para tocar a construção inviabilizaram o estádio, como relatou Walfredo Reis em conversa com o governador na visita ao gramado da Fonte Nova em 8 de janeiro de 1951³⁰.

CONCLUSÃO

O fato foi que o estádio da Fonte Nova inaugurou suas funções futebolísticas em 28 de janeiro de 1951, três dias antes de Octávio Mangabeira entregar o cargo, e contando apenas com campo, galeria circundante, parte das arquibancadas, geral e numeradas e o setor das autoridades³¹.

Mangabeira teve uma habilidade política ao conseguir reverter a seu favor, o que parecia ser mais uma decepção na autoestima dos baianos. No seu mandato se evidenciou o que passou para a história como o 'enigma baiano', essa condição de apatia que a Bahia atravessava nas décadas anteriores ao seu governo perdendo espaço político, econômico e social para outros centros urbanos, e as esperanças renovadas e frustradas de construção de um estádio aos moldes dos modernos que se construíam em outras cidades afligiam a comunidade esportiva soteropolitana e por tabela, sua população.

O que foi percebido ao ler os jornais utilizados na pesquisa no último mês das obras foi que mesmo com tantos problemas que a possível obra da Graça quanto o da Fonte

²⁹ *Diário de Notícias*, 26 de novembro de 1951, p. 6.

³⁰ *Diário de Notícias*, 9 de janeiro de 1951, p. 6.

³¹ *Diário de Notícias*, 6 de janeiro de 1951, p. 6.

Nova apresentaram, gerando uma série de críticas nos periódicos, os mesmos acabaram se alinhando ao discurso pró-governo ao exaltarem a dedicação do governador e de sua equipe em entregar o estádio. Já relatamos que Mangabeira temia era sair do governo e não ceder a comunidade soteropolitana algo de concreto com relação a Fonte Nova. Não ficaria bem para a imagem do grande homem público manchar sua biografia com essa falha. Mangabeira entregou o estádio com menos da metade da obra concluída e mesmo assim saiu exaltado como aquele que fez a “doação aos desportistas da cidade [...] a praça de esportes”³² e ainda foi oficialmente imortalizado com o seu nome, ainda em vida, dando título ao estádio, que felizmente foi popularmente imortalizado com o nome da fonte de água que existia na encosta do Jardim Baiano.

A farsa da inauguração da Fonte Nova foi tanta que o estádio só voltou a ter partidas de futebol quase seis meses depois³³, e com jogos esporádicos até o final de 1951. Só a partir de 1952 que o estádio passou a ter uma regularidade de partidas e foi no governo de Régis Pacheco que a primeira parte da Fonte Nova ficou concluída, sendo ampliada no final da década de 1960 com a construção do anel superior.

³² Diário de Notícias, 9 de janeiro de 1951, p. 6.

³³ Depois da rodada dupla na inauguração em 28 de janeiro de 1951 só voltou a ter uma partida oficial na Fonte Nova em 3 de junho do mesmo ano pelo Campeonato Baiano envolvendo o Bahia e o Ypiranga.